



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	
		<b>PAIS</b>	24. AGO. 1979

## FIGURAS & FACTOS

### P. P. I. Está alguém a mais em Belém

**N**O PARLAMENTO, onde o Governo contou a seu favor só 33 deputados, M.L.Pintasilgo teve razão quando observou: «A primeiro-Ministro não está perante a Assembleia da República como réu.» De facto, assim era. Havia um «réu», na verdade, mas ausente: o Presidente da República.

A primeiro-Ministro, numa alocução arrogante, a recordar o triunfalismo de Mário Soares, retorquiu a pergunta que fizera («O que esteve em causa afinal neste debate?»), reconhecendo que se tornara claro o conflito não já latente mas explícito entre «parte da Assembleia e o PR». A parte a que aludiu, observe-se, foi, estranhamente, a que apoiou Ramalho Eanes, com quem ele contava e nele depositava confiança já desaparecida, como extinta está a da generalidade da população que recorda ainda o «gonçalvismo» e teme o seu retorno, mesmo encapotado num «pintasilguismo».

O «réu» em S. Bento, sejamos justos, não foi apropriadamente M.L.Pintasilgo. A Première, que habilmente lembra sempre que pode o seu catolicismo (mas católicos foram outros chefes do Executivo e são ministros do actual e dos passados Governos e é a maioria do Povo português), ultrapassou com habilidade o Cabo das Tormentas de uma Assembleia pouco votada na altura a procelas. Esquecendo momentaneamente a piedade cristã que deve inspirá-la, foi dura, impertinente e mesmo insultuosa para os seus adversários. Compreende-se a reacção, pois nem todos, mesmo os católicos de ofício, têm de Cristo a vocação para oferecer a outra face quando uma é agredida. Fora atacada violentamente por adversários, vendo nela uma «ré», quando é simples mandatária do homem que o voto popular colocou em Belém para defesa das garantias democráticas e portanto para que repudiasse a prática política do minoritário PCP (o que M.L.Pintasilgo também não faz, possivelmente em nome da caridade cristã...), e que ora aparece como seu sustentáculo.

Nem por isso a primeiro-Ministro merece absolvição plena. A seu favor jogam apenas atenuantes. Sabia, quando aceitou o convite de Ramalho Eanes, que a sua nomeação mais acentuaria a

bipolarização da vida política portuguesa. Não colhe, tão pouco, o argumento de que se prestou a um sacrifício motivado pela preocupação de servir o País. Até Mário Soares, que com tanta dificuldade supera a nostalgia do Poder, falava frequentes vezes do «sacrifício» que fazia, tema retomado pelos seus sucessores que, como ele e agora M.L.Pintasilgo, ocuparam o cargo de primeiro-Ministro precisamente para servirem o País.

De todo o modo, a quase totalidade das culpas da situação a quem se chegou, a participação e o papel de uma maioria de Esquerda amparada implicitamente pelo Presidente, cabe ao «réu» ausente em S. Bento. Mas justifica-se por isso a contumácia dos ataques que têm por alvo Ramalho Eanes? É curial meditar, a propósito, sobre uma questão: foi o Presidente que se modificou ou aos líderes moderados — empregamos o termo em antinomia aos da maioria de Esquerda — escasseou perspicácia para dele traçarem, em devido tempo, o retrato que se desenha agora nítido e os faz moverem-lhe uma campanha reflectindo sentimento de frustração?

Optaremos pela segunda premissa. A culpa pertence em primeiro lugar a esses líderes políticos, que se enganaram, e foram enganados, ao depositarem em Ramalho Eanes esperanças infundadas. Quem era Eanes, que atributos o exornavam para nele verem um homem privilegiado, para alguns (não falamos desses líderes) quase um Messias predestinado a salvar a Pátria?

Só um optimismo exacerbado permitiu, em 1976, perceber no ignorado major que prestou serviço em África dotes políticos ou outros que o distinguíssem de tantos oficiais que pelas ex-províncias ultramarinas passaram. Da sua participação na guerra ficou-lhe, a exemplo de outros, como que um complexo de culpa, exuberantemente exprimido na política externa que tem conduzido, à revelia de sucessivos Governos, privilegiando as relações com as ex-colónias mesmo quando dos dirigentes destas recebemos insultos contra os quais não se insurge.

Modificou-se Ramalho Eanes? Dizem-no agora adepto do terceiro-mundismo. Talvez, mas não o será de hoje. Por alguma razão Melo Antunes, chefe do grupo que no Conselho da Revo-

lução apontava desde há muito M.L.Pintasilgo para primeiro-Ministro, era por si chamado para como representante pessoal levar às capitais africanas a expressão da boa vontade do Presidente. Simpatizante do PCP? Decerto que não. Acontece, porém, que a Constituição, a cuja letra o Presidente se apega mesmo quando de tal maneira o espírito do diploma fundamental seja elidido, determina que este País em que vivemos se encontra em transição para o socialismo, que se aproxima do marxismo. E Ramalho Eanes cumpre... embora nem sempre o que promete.

Oficial de carreira igual às de muitos oficiais sem história, nunca revelou qualidades especiais antes da conjuntura que o guindou a primeiro plano. Era conhecido no Exército como rigoroso cumpridor do RDM, o Regulamento de Disciplina Militar. Ainda o é. Tendo embora adquirido alguma experiência política nos anos que leva de exercício da chefia do Estado, o mesmo espírito disciplinado o inspira: trocou o RDM pela Constituição. Ficaram logrados, assim, os que julgaram descortinar nele personalidade dotada de méritos que mostra não possuir.

O País necessitava de um estadista e tem na Presidência um simples oficial do Exército que na carreira castrense daria boas provas de si. Mas em política, como aliás em tudo, os erros pagam-se. O «réu» ausente do hemiciclo de S. Bento cometeu-os em abundância e demonstrando um estranho sentido da Democracia. Escusamo-nos a enumerá-los, que tantos são. Repare-se, porém, o exemplo frisante que é o «seu» Governo, que governará sem Parlamento, por tempo indefinido e em execução de mirífico «Programa» carente de aprovação popular. Porquê e para quando a dissolução da Assembleia prometida pelo Presidente? Mistério. Ramalho Eanes rodeia os seus actos de um silêncio esfíngico, sem a ninguém dar contas, num comportamento não muito distante do personalismo sem alternativas que enformava a acção de Salazar, o qual tinha a seu crédito o facto de ser, queiram ou não, um grande estadista.

Por muito que nos pese, a conclusão impõe-se: Ramalho Eanes está a mais em Belém.

J.M.Pereira da Costa